

PROFESSOR INICIANTE E PANDEMIA DA COVID19: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE A APRENDIZAGEM DO TRABALHO DOCENTE

Maria Mikaele da Silva Cavalcante – UECE
Universidade Estadual do Ceará

Isabel Maria Sabino de Farias – UECE
Universidade Estadual do Ceará

Márcia de Souza Hobold – UFSC
Universidade Federal de Santa Catarina

Palavras-Chave: Professor iniciante. Trabalho docente. Aprendizagem profissional.

1 Introdução

Como professores iniciantes viveram o tempo da pandemia? Que desafios enfrentaram e como eles tensionaram sua vida e seu trabalho? Com que condições de trabalho tiveram de lidar para encarar as demandas advindas desse período de suas vidas profissionais? Estas e outras preocupações movem as reflexões deste escrito, que versa sobre os desafios e aprendizagens, durante a pandemia de COVID19, experienciados por professores pedagogos iniciantes. A atenção recai, nesses termos, sob os docentes que têm até cinco anos de experiência na profissão e se encontram no efetivo exercício em escolas públicas, precisamente no contexto brasileiro, no estado do Ceará, região Nordeste do país.

O início da profissão é conhecido um tempo de sobrevivência e descoberta, pois o professor iniciante, em geral, não dispõe de acúmulo de experiências para enfrentar o cotidiano do trabalho. Período que envolve intenso processo de aprendizagem assentes conjunto de situações que provocam implicações diretas na sua prática cotidiana, repercutindo no amadurecimento da qualidade da pessoa e do profissional. Começar nunca é fácil (Cruz, Farias & Hobold, 2020), mas é ainda mais complexo em um contexto de trabalho de pandemia. É o que ocorreu nos anos de 2021 e 2022, marcados pela pandemia de COVID19, que afetou de modo significativo a vida humana em todos os seus aspectos.

A pandemia de COVID-19 foi um fenômeno mundial, que mudou o jeito de se relacionar das pessoas, inclusive no âmbito educacional. O seu ápice foi sentido nos anos de 2020-2021. No concerto educacional, as aulas assumiram um caráter remoto, em razão do

aumento de casos do vírus, que avançou rapidamente no Brasil e no mundo, limitando ao extremo a possibilidade de haver aulas presenciais (Santos & Sousa, 2022).

Durante esses dois anos de ensino as secretarias de educação, escolas e atividades docentes tiveram que se (re)organizar e, assim, passaram a ser empregadas inúmeras ferramentas tecnológicas para mediar o ensino-aprendizagem, a saber: *Google Meet, Class*, formulário eletrônico; redes sociais - *Instagram, Facebook, Twitter*; aplicativos diversos - *WhatsApp, Podcast*, dentre outras opções, até então pouco usuais ou distantes da prática nas escolas.

Desse modo, no âmbito educacional, em particular, no contexto da formação e do trabalho docente, as relações, modo de trabalhar e aprendizagens foram modificadas e impactadas significativamente. Por reconhecer a pandemia como momento atípico, peculiar e desafiador na vida professoral, esta produção problematiza como os professores iniciantes viveram, lidaram e aprenderam nesse momento de suas carreiras profissionais.

Nesse contexto, desenvolvemos um estudo sobre o início da docência, a qual apresentamos no próximo tópico os aspectos metodológicos da pesquisa.

2 Considerações metodológicas

A análise apresentada neste escrito decorre de pesquisa de natureza qualitativa (STAKE, 2011), de cunho empírico, apoiada na produção de dados por meio de questionário eletrônico (narrativas escritas) e de entrevista (narrativas orais) com professores em início de carreira. O questionário eletrônico contou com a participação de 61 professores e, deste universo, oito participaram da produção de narrativas orais, aprofundando pautas do questionário eletrônico.

O exame dos dados apoiou-se na Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Com relação aos cuidados éticos, estes foram assumidos no decorrer do desenvolvimento da pesquisa (Gray, 2012). A síntese dos resultados é destacada no próximo tópico.

3 Desafios e aprendizagens de professores iniciantes em contexto de pandemia

Em 2020, o advento da pandemia de COVID19 suscitou transtornos e desafios ao cotidiano de trabalho dos professores que, repentinamente, tiveram que aprender a lidar com ferramentas tecnológicas desconhecidas, redefinir as estratégias de interação com estudantes e suas famílias, pensar atividades e aulas remotas e, conseqüentemente, passar mais tempo expostos a telas de aparelhos celulares e computadores.

Com a pandemia, precisou-se ter “[...] muito mais tempo e envolvimento, além da confusão em conviver entre a atividade profissional e o cotidiano familiar, simultaneamente”. (Valente et al, 2020). A pandemia, sem dúvidas, foi um dos maiores desafios educacionais vivenciado nos últimos tempos. Nessa contextura nova, foi preciso ter que impor limites de horários, conseguir controlar a ansiedade dos pais e alunos, atender as urgências de aprendizado dos alunos – tudo isso profundamente afetado nesse período.

3.1 Desafios de professores iniciantes em contexto de pandemia

Em decorrência ao contexto pandêmico, o trabalho docente recorreu ao uso de telas (aparelhos celulares/*notbooks*), que nesse período se fizeram as “salas de aula”, aportando outros desafios aos professores, que tiveram de empreender “[...] muito mais tempo e envolvimento, além da confusão em conviver entre a atividade profissional e o cotidiano familiar, simultaneamente”. (Valente et al, 2020).

Tudo aconteceu de maneira rápida e inesperada. A pandemia e o ensino remoto modificaram toda a realidade educacional, que, “[...] de um dia para o outro, as professoras precisaram transpor conteúdos e adaptar suas aulas presenciais para plataformas on-line com o emprego das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), sem preparação para isso, ou com preparação superficial, também em caráter emergencial”. (RONDINI, PEDRO & DUARTE, 2020).

[...] a gente atendia as famílias de 7 da manhã até as 22 da noite nas primeiras semanas e se você não respondesse, eram super grosseiras, daquele jeito, a gente teve que fazer uma reeducação no nosso ambiente doméstico, tivemos vários conflitos com a família, porque a família atrapalhava as atividades, gravando áudio, gato, tudo foi esse caos. (Teresinha, 2022).

[...] eu via fotos das crianças, das casas das crianças, uma coisa que mexia muito comigo, meu esposo as vezes me ajudava em algumas coisas, dava um ok, me ajudava

a organizar, então a gente conversava muito sobre as condições das crianças, aí eu.. assim, são coisas que a escola protege a gente, protege de ver algumas imagens, de ver algumas situações, teve situações também de vídeo pornográfico em um dos grupos, não foi em uma das minhas turmas, mas foi de outra turma, entendeu? Então assim, são situações no ensino presencial você está protegido, porque você está no ambiente da escola, você não está vendo as condições de vida daquelas crianças, embora que você saiba que falta isso, falta aquilo, não tem um lugar para estudar, não um lugar para sentar, não come direito, não se alimenta, não tem uma higiene, não tem uma série de coisas. (Teresinha, 2022).

Os iniciantes precisavam passar pela pandemia e toda a realidade que ela provocava em suas vidas pessoais, mas, também, tinham que gerir seus trabalhos com visão sensível para as realidades dos seus alunos. Nesse novo contexto, impôs-se reinventar, estar disposto a aprender e ter sensibilidade diante de tudo o que acontecia no mundo e as implicações que estavam sucedendo na vida das pessoas.

[...] aí as demandas que iria surgindo, as pessoas que iriam morrendo, o peso que toda essa doença trouxe para as famílias, e que pra gente como lidar com tudo isso e você não saber, porque uma coisa é você lidar com a morte de uma forma natural, que ela vai acontecer no seu tempo e outra coisa é você lidar com a família de uma criança que perdeu dois, três parênteses num curto espaço de tempo, e eu não saber como iria fazer isso sem conhece-las, então os maiores desafios da pandemia foram esses, de ser um professor iniciante que ainda não sabe quase nada, quer dizer, que ainda não sei quase nada, de ser um professor alfabetizador iniciante na pandemia, sem saber lidar com tanta tecnologia, sem receber incentivo financeiro que pudesse dá um suporte pra gente nesse aspecto. (Cristiano, 2022).

[...] eu tive que me reinventar, porque eu estudava mesmo para saber o conteúdo e depois eu tinha que fazer essa transposição, e aí a gente teve várias dificuldades, porque muitos alunos não tinham acesso a internet, eles não assistiam as aulas porque tinham dificuldade de ter celular, de ter internet, de ter alguém para fazer esse acompanhamento, com as professoras da escola, então as minhas dificuldades foram essas. Primeiro fazer a transposição pelo ensino remoto e o próprio ensino mesmo porque eu não me sentia capaz de dá aulas de matemática a distância, então eu tive que estudar, ver vídeos aulas, comprar material do meu próprio bolso, do meu dinheiro, para saber fazer a explicação desses conteúdos de matemática para os meus alunos. (Rosy, 2022).

Considerando o contexto desse período, foi obrigatório pensar toda a dinâmica escolar, que assumiu outra configuração, sem prazo determinado nem com uma organização. De inopino, tudo mudou. Nisso, os iniciantes, que estavam no alvor de suas carreiras, sentiram-se ainda mais perdidos. Demais disso, não tiveram apoio, incentivo financeiro nem muita

orientação acerca de como realizar suas práticas de ensino em meio a essa nova realidade que se instaurou. Os participantes desta pesquisa descrevem como viveram as atividades laborais durante o período de pandemia e de que modo eram procedidas suas aulas:

[...] muita limitação, mas enfrentar essa limitação com muita flexibilidade, acho que esse foi meu lema durante a pandemia, foi assim que me fiz um professor em contexto de pandemia, foi um professor com menos possibilidades e não trago muita coisa das minhas atividades da pandemia porque **eu fui um professor muito aquém do que eu consigo fazer**, eu sei que foi tudo dentro das minhas possibilidades e das possibilidades das crianças. (Nadyr, 2022) (Grifei).

O maior desafio, na verdade, meu como professor, era dá atenção aos alunos, eu acho que eu não fui o professor que eu sou em sala de aula, de por mais difícil que seja.. sei lá, uma média de 30 alunos na época da pandemia que eu tinha, de olhar o caderno mesmo que rapidamente, corrigir na sala de aula e tal, não fiz isso na pandemia, muitas vezes **era tudo muito mais no automático**, só de olhar e ver se fez ou não fez, e aí vez por outra é que bate assim... (Rose, 2022). (Grifei).

[...] eu preparava a minha parede, preparava recursos, e a gente fazia um vídeo, fazia outro e via como podia melhorar, na minha concepção fomos ficando mais objetivos, mais certos e mais maduros. A gente fazia vídeos longos, mas fomos fazendo vídeos mais curtos, porque no decorrer da pandemia, **a gente viu que não adiantava se preocupar com muitos conteúdos, com muitas habilidades, a gente precisava ter um foco**, a gente trabalhou muito nesse foco. (Luciane, 2022) (Grifei).

[...] eu não tinha muita prática nesses aplicativos de ficar mexendo e eu queria passar uma coisa muito perfeita, eu lembro que **eu passava um dia inteiro para editar um vídeo de três minutos, eu ficava pensando, meu Deus, eu não vou fazer mais nada da minha vida, só postar vídeo**, eu lembro que eu passava horas gravando uma coisinha de quatro minutinhos. (Dulcineide, 2022) (Grifei).

As narrações demonstram como esse período foi especialmente delicado para elas, uma vez que tiveram que lidar duplamente com o desafio de ensinar, tanto porque não tinham experiência de ensinar, muito menos de fazê-lo remotamente. Assim, elas sinalizam que não foram os professores que gostariam de ser ou que costumavam operar durante a pandemia. Os trechos apontam, ainda, que suas práticas docentes não tinham a mesma qualidade de uma sala de aula, quando dizem que “faziam no automático”, ou ainda, “que precisavam escolher apenas um foco”.

As narrativas dos professores iniciantes participantes do estudo denotaram, no entanto, que nem só de desafios foi constituído esse período, mas também de muitas aprendizagens, conforme é possível identificar a seguir.

3.2 Aprendizagens de professores iniciantes em contexto de pandemia

O processo de ensino e de aprendizagem é uma atividade dinâmica, aberta e não linear, principalmente quando se está iniciando e tudo é novidade, inédito. A maioria dos professores que ingressam na carreira (Cavalcante, 2018; Lapo & Bueno, 2003), passam por um intenso processo de aprendizagens e mudanças assentes num conjunto de situações que provocam implicações de forma direta na sua prática cotidiana em sala de aula, refletindo em um contínuo de amadurecimento na qualidade de pessoa e profissional.

Com o contexto pandêmico, a vivência docente, apesar de um tanto diferente, também resultou em aprendizagens. Os docentes consideram que, de algum modo, esse período provocou novos aprendizados, uma vez que foram retirados de suas “zonas de conforto” e situados em uma circunstância completamente nova.

[...] foi um período que eu tive que aprender a lidar, fazer vídeo, gravar editar vídeos, para mandar nos grupos e interagir com as crianças, porque era assim que funcionava na educação infantil. Não foi tão desesperador para mim, eu acho que fui pegando até com as meninas que entraram junto comigo, fui pegando ideias, uma falava para outras como se fazia essas edições de vídeos para mandar, como explicava as atividades por vídeo e tudo, e aí aprendi depois é tranquilo. Hoje eu faço os vídeos rapidinho. (Lucivania, 2022).

No início do ano passado que a gente teve esse momento online, eu tive muitas dificuldades com relação ao ensino, porque eu não sabia ensinar a distância, então mesmo que a escola fizesse reuniões com os professores, a escola não dava ferramentas a gente tinha que chegar em nosso aluno, então eu tive que sozinha dá conta de fazer aulas online para os meus alunos, montar aulas montando aplicativos, e o que era mais complicado eu não ter experiência com o ensino da matemática no ensino fundamental, tentar a distância fazer com que esses alunos aprendessem a matemática. (Rosy, 2022).

[...] tivemos aprender tudo, na parte de gravação de vídeo, eu fiz gravação de vídeo, fiz gravação de áudio, criei grupo de WhatsApp, tinha um monte de coisa que eu não sabia do WhatsApp, aí eu tive aprende um monte de coisa e adoei ano passado porque no primeiro ano nós não tínhamos plataformas, no primeiro ano nós só tínhamos o nosso computador e o nosso celular, a sorte é que eu tinha comprado um celular e um computador novo por causa do doutorado e aí no segundo ano veio plataforma, veio diário online e WhatsApp e no final do ano eu acabei, tenho tendinite,

o braço ficou imobilizado, eu tive que fazer 10 sessões de fisioterapia. (Teresinha, 2022).

[...] eu me senti muito angustiado, eu me senti muito amedrontado, porque eu ficava me perguntando a todo instante, “como é que eu vou alfabetizar essas crianças?”, sem conhece-la, sem ter contato com elas, porque o que eu aprendi na minha graduação era que alfabetização era um processo que ele se dava a partir das interações com as crianças e com o texto ali, e aí, do nada tem que seguir, ressignificar todo esse processo, e aí surgiu as dificuldades, físicas e financeiras, estruturais, de equipamento para lidar com tudo isso, porque eu acho que nenhum professor estava preparado para isso, e eu não vou dizer que eu sou um professor altamente ligado às novas tecnologias, eu não foi um professor que esteja ali focado em ter um bom computador, em ter um bom celular, em ter uma boa internet, toda aparelhagem para pode oferecer nas minhas aulas alguma coisa com qualidade para os esses alunos. (Cristiano, 2022).

A pandemia, conquanto haja empreendido alguns aprendizados, durou muito tempo e deu ensejo a um conjunto de transtorno para a vida de todos, inclusive de professoras e alunos. Com o tempo, foi ficando cada vez mais difícil se manter motivado, pensar em aulas diferenciadas e lidar com toda a realidade então vivenciada.

[...] a gente estava com muita esperança, quando chegou mais no meio, a gente estava bem cansado já, aí a gente fez a ligação por vídeo chamada com os alunos, era cansativo, mas era positivo, mas a gente conseguiu identificar como as famílias estavam e muitas estavam com muita dificuldade, muitos pais não estavam conseguindo fazer as atividade [...] a pandemia foi acontecendo e eu passei num concurso durante a pandemia, entrei numa nova escola durante a pandemia e fui elevando as habilidades que eu tinha, que eu conquistei em fortaleza nesse processo, e aí a pandemia começou a virar um saco, tão pesado, tão desmotivador. (Luciane, 2022).

Durante a pandemia, as professoras se aproximaram das famílias e das realidades sociais dos alunos. Por mais que na escola haja uma noção desse contexto, com o ensino remoto, tendo em vista os meios de acesso aos alunos, as telas de aparelhos celulares e *notbooks*, notou-se o interior das suas casas, vendo-se como aconteciam o acompanhamento dos pais e as dificuldades expressas pelos discentes. As crianças, por estarem isoladas e sem muitas interações sociais, sofreram muito nesse período, assim como penou o restante da população. Em ultrapasse a isso, muitos alunos sequer foram alcançados, uma vez que não tinham aparelho celular ou meio outro de comunicação que possibilitasse sua participação nas aulas. Com isso, tiveram interrompido seu processo de ensino e aprendizagem no âmbito escolar. Vejam as estórias contadas:

[...] eu comecei a entrar em contato com umas coisas que me fez entender que o meu público era muito mais carente do que eu imaginava, na medida que eu via as crianças me ligando o tempo inteiro pra me ver, escutar a minha voz, falar comigo, nunca recebi tantos comunicados de que “estou com muita saudades”, “quero muito lhe ver”, nunca recebi tanto quanto no período da pandemia, aqui em fortaleza teve essa coisa de ter tido contato com os meninos no início e depois ter ido para o remoto, em São Gonçalo nunca teve isso, porque eu nunca vi as crianças mesmo e elas nunca me viram pessoalmente, mas os desafios são enormes. (NADYR, 2022).

A maior dificuldade foi não ter acesso a todos os alunos, a gente não teve acesso a maioria dos alunos, foram poucos os que tiveram um acompanhamento mesmo, de participar das aulas remotas, então, tive dificuldade com isso, tive dificuldade de chegar até as famílias, quando a gente tinha que fazer busca ativa das famílias, a gente não conseguia retorno, mesmo a escola tendo ali profissionais que iam nas famílias, buscar informações, trocou de telefone, muitas vezes, a gente não tinha essa resposta, e aí, o acesso aos alunos, muitos não tinham acesso a internet, computador, celular, tinha muita dificuldade. (Rosy, 2022).

À vista dessas exposições dos docentes, remansa a certeza de que o ensino remoto trouxe muito mais prejuízos do que progressos no âmbito educacional. Em geral, foram todos afetados e as consequências ainda devem permanecer por muitos anos. Os iniciantes comentam, novamente, sobre o assunto:

[...] era um sentimento de frustração, de ver que não estava fluindo mesmo o ensino a distância, eu não considero que esse período remoto vá passar despercebido, acho que vamos colher por muitos e muitos anos o que a gente enfrentou nessa pandemia, porque a defasagem em relação uns com os outros, de conviver uns com os outros, de saber entender o que o outro está passando, você também está passando, entre os próprios alunos que a gente vê. (Rosy, 2022).

Eu acho que o primeiro é o entrave da tecnologia, que não possibilita que eu faça toda e qualquer coisa que eu quiser, as crianças não vão receber, as crianças não vão baixar, as crianças não vão conseguir ter acesso, tem a dúvida muito grande, se meu trabalho está surtindo efeito, porque eu não estou conseguindo avaliar essas crianças da forma como eu gostaria e eu não sei se eles estão gostando, não sei se são essas crianças mesmo que estão fazendo essas atividades, os pais estão super angustiados, as famílias angustiadas e atoladas de coisas para fazer e sustentar em seus empregos porque se não todo mundo vai morrer de fome, moram em casas alugadas e mães parindo e tendo um milhão de coisas acontecendo na vida dessas crianças e eu não tinha como acessar na escola e eu sabia que as horas que passasse com essa criança, eu poderia fazer o que eu quisesse, mas a distância é a distância, pra distância existe uma distância entre a gente, e essa distância precisou ser superada de alguma forma, mas em nenhum momento ela vai corresponder a uma presença, pois é uma distância, não é uma presença, é uma distância. (Nadyr, 2022).

Essas narrativas do estudo indicam que há muitos desafios educacionais a serem superados nesse pós pandemia, uma vez que os prejuízos e a consequência desse período deve perdurar ainda por muitos anos, consoante opinei há pouco. Foi um tempo difícil para aqueles

que estavam começando, pois tiveram de laborar com novas ferramentas, experimentar outros jeitos de lidar com a comunidade escolar, na medida em que precisavam aprender a docência e viver, também, em concomitância com a situação mundialmente endêmica.

4 Considerações finais

Ser iniciante no contexto de pandemia tornou esse momento ainda mais intenso e estressante. Os professores iniciantes participantes dessa pesquisa evidenciaram a pandemia como momento de solidão e reinvenção. Período que trouxe exigências impensáveis ao desenvolvimento do trabalho docente, maior disponibilidade para aprender e sensibilidade diante de tudo o que acontecia no mundo e suas implicações na vida das pessoas. A intensificação do trabalho docente assumiu proporções físicas e emocionais inimagináveis, extrapolando o tempo curricular e adentrando na vida pessoal, seja pelas inúmeras horas para aprender sozinho a usar as tecnologias, seja pela atenção contínua às famílias e aos estudantes, independente do horário de trabalho.

Durante a pandemia, os professores se aproximaram das famílias e das realidades sociais dos alunos, tendo em vista os meios de acesso aos alunos, as telas de aparelhos celulares e *notbooks*, notou-se o interior das suas casas, vendo-se como aconteciam o acompanhamento dos pais e as dificuldades expressas pelos discentes. Tensão e empatia; desafio e aprendizagem. Os iniciantes desse estudo experienciaram intensas aprendizagens para a sua prática profissional, em que foi preciso lidar com o novo, adaptar-se e aprender a ensinar de um outro jeito, distinto do que haviam aprendido.

As narrativas dos iniciantes reconhecem os muitos desafios educacionais agudizados pela pandemia, consideram que os prejuízos e as consequências desse período devem perdurar por anos. Um tempo difícil para aqueles que estavam começando na carreira, alguns inclusive que nunca entraram em uma sala de aula comum, e que tiveram de laborar com ferramentas desconhecidas, experimentar outros jeitos de lidar com a comunidade escolar, na medida em que também precisavam aprender a docência em concomitância com uma situação mundialmente endêmica. O desamparo, a ausência de apoio institucional e precárias condições de trabalho marcam suas narrativas e vidas profissionais e pessoais.

Nos dias atuais, após um dos maiores desafios educacionais vivenciados nas últimas décadas, em meio a retomada da vida pós pandemia, anseia-se que os prejuízos desse período sejam sanados e, com isso, possamos pensar e produzir uma aprendizagem docente mais significativa e contextual para professores que estão iniciando suas carreiras profissionais, sobretudo, com melhores condições de trabalho e vida.

5 Referências

Bardin, L (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Cavalcante, M. M. S (2018). *Permanecer ou evadir da docência? Estudo sobre perspectivas de professores iniciantes egressos do Pibid UECE*. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Brasil.

Cruz, G. B. Farias, I. M. S; Hobold, M. S (2020). Indução profissional e o início do trabalho docente: debates e necessidades. *Revista Eletrônica de Educação*, 14, 1-15.

Gray, D. E (2012) *Pesquisa no mundo real*. (2. Ed). Porto Alegre: Penso.

Lapo, F. R.; Bueno, B. O (2003). Professores, desencanto com a Profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, (118), 65-88.

Rondini, C. A., Pedro, K. M.; Duarte, C. dos S (2021). Pandemia do Covid-19 e o ensino remoto emergencial: mudanças na práxis docente. *Revista Educação*, 10 (1), 41–57.

Santos, A. R. J., & Sousa, J. A (2022). Ensino Remoto: reflexões sobre o ensino e a aprendizagem na perspectiva dos professores. *Educação*, 47, 1-22.

Stake, R. E (2011). *Pesquisa qualitativa – estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso.

Valente, G. S. C.; Moraes, Érica B. de; Sanchez, M. C. O.; Souza, D. F. de; Pacheco, M. C. M. D (2022). O ensino remoto frente às exigências do contexto da pandemia: reflexões sobre a prática docente. *Research Society and Development*, 9 (9), 1-13.